

# NOTAS SOBRE A RECEPÇÃO DE THEODOR ADORNO NA SOCIOLOGIA BRASILEIRA

Avance de Investigación em curso

GT 17 – Pensamento latino-americano e teoria social  
Sílvia César Camargo (Unicamp)

## Resumen:

Este trabalho é desdobramento da pesquisa “A Recepção da Teoria Crítica no Brasil”. Nele pretendemos apresentar o modo pelo qual o teórico social alemão Theodor Adorno, associado à chamada Escola de Frankfurt e referência central na formação da teoria crítica da sociedade foi recebido, traduzido e interpretado no ambiente intelectual brasileiro, em especial na sociologia. A teoria crítica inaugurada com o Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt em 1923 e que tem com Max Horkheimer a formulação de seu programa de pesquisa chegou ao Brasil na segunda metade da década de 1960. No caso da sociologia destacamos o importante papel de pensadores como Gabriel Cohn e Roberto Schwarz, que de formas distintas herdaram a teoria da sociedade de Adorno.

**Palabras claves: Theodor Adorno; teoria social; sociologia brasileira.**

## I

Apresentaremos neste ensaio resultados parciais de uma pesquisa em curso sobre a recepção da teoria crítica no Brasil.<sup>1</sup> Buscaremos nos limitar à sociologia como campo específico e a Theodor Adorno como tema de reflexão, entre outras razões por já existirem algumas publicações específicas sobre outros pensadores da assim chamada Escola de Frankfurt, como sobre Walter Benjamin, Herbert Marcuse e Jürgen Habermas. Praticamente inexistem estudos sobre a recepção de Adorno no Brasil e na América Latina e pensar sobre o como ele foi recebido na sociologia brasileira é ao mesmo tempo pensar sobre a própria constituição desta ao longo das últimas décadas.

A recepção de um modelo de pensamento é sem dúvida mais do que um levantamento das obras e traduções que se fizeram sobre tal modelo ou autor, é também mais do que as interpretações que se estabeleceram sobre ele. Relevante será também a maneira pela qual certo modelo de pensamento serve para ilustrar outras esferas do conhecimento ou da realidade, como é o caso da realidade brasileira. Nos limites de um pequeno ensaio, cometeremos a imprudência de tentar fazer um pouco de tudo isso, abordando diferentes aspectos da ideia de recepção. Mas em especial objetivamos apreender alguns fragmentos, que consideramos centrais, da maneira pela qual a teoria crítica de Adorno penetrou na história da sociologia brasileira tendo em vista, em especial, de que modo esta teoria é relevante também para a compreensão da própria sociedade brasileira.

Em parte a recepção da teoria crítica de Adorno no Brasil se confunde com a própria trajetória da Escola de Frankfurt no cenário internacional, cabendo-nos pensar em que medida aqui

---

<sup>1</sup> Os argumentos aqui apresentados também estão presentes, com ênfases um pouco diferenciadas no artigo “A Recepção da Teoria Crítica no Brasil: 1968-1978” (Camargo, 2012 a) e no capítulo do livro *Sociologia Crítica no Brasil* intitulado “Itinerários da teoria crítica na sociologia brasileira” (Camargo, 2012 b).

<sup>2</sup> Na *Revista Civilização Brasileira* encontramos dois artigos de Marcuse “Liberdade e Agressão na Sociedade

haveria alguma especificidade quanto a tal processo, não obstante uma possível especificidade quanto à realidade histórica que a abriga. Até meados da década de 1960, Adorno não era um intelectual assim tão renomado como se pode imaginar, mesmo na Alemanha, sendo só em sua última década de vida que passa a adquirir status no campo intelectual mundial. Embora fosse conhecido na América Latina desde a década de 1950 será apenas no fim dos anos 1960 que passa a ser traduzido e comentado em terras brasileiras.

Diferentes elementos históricos balizam a chegada da obra de Adorno no Brasil, elementos esses pertinentes, por exemplo, ao momento institucional em que se encontrava a sociologia brasileira ao final dos anos 1960, o cenário político de repressão e obscurantismo do regime militar, aliado com transformações modernizantes como aquelas que diziam respeito a consolidação dos meios de comunicação de massa no Brasil. Cenário complexo para um autor avesso as facilidades. Embora existisse algum conhecimento sobre Adorno desde meados dos anos 1960 é somente em 1968 que o autor tem um texto publicado no Brasil. Vamireh Chacon, por exemplo, diz fazer menção ao pensamento de Adorno já na década de 1950 (Chacon, 1984) e pensadores como Roberto Schwarz e outros, bons leitores da língua alemã, já conheciam razoavelmente a obra de Adorno.

Embora algumas referências a Walter Benjamin já fossem encontradas antes de 1968 (cf. Merquior, 1965; Schwarz, 1965; Konder, 1967), é somente a partir de um conjunto de traduções de textos dos pensadores frankfurtianos publicadas na *Revista Civilização Brasileira* que temos uma divulgação maior das questões da teoria crítica.<sup>2</sup> O papel desta revista, publicada entre 1965 e 1968, foi fundamental como órgão de reflexão de intelectuais de esquerda nesse período, se constituindo, conforme depoimento de Konder (apud. Soares, 1999, p. 89), no principal veículo de publicação de intelectuais de esquerda no período. O papel histórico desta revista na divulgação das ideias de Benjamin, Marcuse e Adorno é tão significativo que representa um marco no processo de recepção da teoria crítica no Brasil.

O início da década de 1970 será marcante quanto ao contato do público brasileiro com o pensamento de Adorno, pois no início daquela década publicava-se o famoso ensaio sobre a indústria cultural, até hoje o texto mais conhecido de Adorno e Horkheimer em solo brasileiro. Não obstante o pensamento frankfurtiano naquele momento estar muito mais próximo à ambientação dos críticos literários, o texto sobre a indústria cultural irá inaugurar um campo novo de investigação na sociologia brasileira, a sociologia da comunicação. Neste processo inicial de recepção Benjamin e Marcuse são os mais comentados do staff frankfurtiano, sem falarmos que a sociologia brasileira naquele momento já exibia a sua maior proximidade com as tradições sociológicas francesa e norte-americana do que com o pensamento alemão.

De uma maneira mais ampla, para além dos limites da sociologia como campo do saber, desde o início deste processo de recepção algumas impressões sobre o pensamento de Theodor Adorno se consolidaram ao ponto de se estenderem até o presente. Tais interpretações já eram visíveis em Merquior (1965) e Chacon (1994), e depois em Freitag (1989) ou Rouanet (1989), em que se destaca a imagem de um pensador “à beira do abismo”, pessimista, enclausurado no potencial de autonomia da obra de arte como último refúgio da racionalidade. Uma leitura talvez apressada, para dizer o mínimo, de um autor que dedicou a vida à tentativa de esclarecer os meandros através dos quais a dominação burguesa impregnou o conjunto da vida humana no capitalismo tardio, até mesmo quanto a mais inocente displicência a respeito do seu alcance, como é o caso da própria indústria cultural.

---

<sup>2</sup> Na *Revista Civilização Brasileira* encontramos dois artigos de Marcuse “Liberdade e Agressão na Sociedade Tecnológica” (n. 18, março/abril, 1968) e “Finalidades, Formas e Perspectivas da Oposição Estudantil nos Estados Unidos” (n. 21, set./dez. 1968). De Adorno “Moda sem tempo: Jazz” (n. 18, março/abril 1968). De Benjamin “A Obra de Arte na Era de sua Reprodutibilidade Técnica” (n. 19/20, maio/agosto 1968).

## II

Em tal contexto surgiu a participação de Gabriel Cohn. Antes de publicar a coletânea de textos *Comunicação e indústria cultural* (1971), onde o texto de Adorno e Horkheimer aparece traduzido, Cohn já mostra traços peculiares como sociólogo. Se em sua dissertação sobre o petróleo, (Bastos et.al., 2006, p. 116) já mostrava alguns traços de aproximação a Weber, conforme o juízo de Florestan Fernandes, suas referências já se mostravam plurais, incluindo o marxismo, embora não alçando o status de uma referência neste campo, então representado por pensadores como Leandro Konder, Carlos Nelson Coutinho e Caio Prado Júnior. E como lembra Paulo Eduardo Arantes (1989), contraditoriamente ao ambiente de obscuridade política do período, o pensamento marxiano passou a ter uma grande importância no interior do debate acadêmico entre as décadas de 1960 e 1970. Mas tal importância, como diz Schwarz (2005, p. 113), ocorre mediante interpretações que não privilegiavam o significado do “fetichismo da mercadoria” como aspecto central para a compreensão das transformações pelas quais passava a nação.

Um pouco antes do livro organizado por Cohn em 1971, Luiz Costa Lima publicou *Teoria da Cultura de Massa* (2005 [1970]) onde aparecem ensaios de Adorno, Horkheimer, Marcuse e Benjamin, ao lado de pensadores canônicos no tema da cultura de massas. Nessa coletânea aparece pela primeira vez o texto sobre “A indústria cultural” extraído da *Dialética do Esclarecimento*, obra que só teria a sua tradução na íntegra para a língua portuguesa em 1985. Embora *The Authoritarian Personality* já fosse conhecida de cientistas sociais no país, sem até o presente ter uma tradução em português, o ensaio sobre a indústria cultural, e sua tradução, pode ser visto como um momento decisivo quanto à recepção de Theodor Adorno na sociologia brasileira.

Em 1968, no mesmo ano em que defende sua dissertação sobre *Petróleo e Nacionalismo no Brasil* (1968 b) Gabriel Cohn começa a mostrar uma nova fisionomia na teoria social brasileira. Destoando da visão de que no contexto periférico a sociologia deve privilegiar a compreensão deste próprio contexto, relegando a elaboração teórica a um plano menos importante, Cohn inicia uma íngreme trajetória de consolidação da teoria social no Brasil. Também em 1968 publica o artigo “A sociologia e a arte da controvérsia” (1968 a), no qual, mesmo sem ainda evidenciar a influência frankfurtiana em seu pensamento, já aponta para posturas diferenciadas ao lidar, mediante abordagem original, com os problemas da relação entre teoria e empiria, algo significativo na história da sociologia brasileira.

Na coletânea de 1971, além de dois textos de sua própria autoria, Cohn traz a tradução de um texto de Habermas, e dois ensaios de Adorno; além do ensaio sobre a indústria cultural um outro sobre televisão e consciência. Nesta coletânea já se antecipa alguns temas que surgirão em *Sociologia da Comunicação – teoria e ideologia* (1973) obra de rara feitura na teoria social brasileira. Os temas são a contraposição então em voga entre massa e elite, a diferenciação entre sociedade de massa e cultura de massa, o público e a mensagem, a posição, enfim, da comunicação quanto ao seu estatuto na relação entre produção e consumo. As duas obras são consideradas pioneiras na então nascente sociologia da comunicação e no caso de *Sociologia da Comunicação* já se percebe a afinidade de Cohn com o pensamento adorniano.

Assim como outros grandes nomes da sociologia brasileira Cohn, desde os seus primeiros trabalhos, insiste na reflexão sobre a condição da sociologia como campo do saber, preocupação que marcará toda sua trajetória. Este pensar a sociologia como ciência se mostrará desde o início como forma de objeção aos positivismos, isto é, à predominância da tradição positivista no debate epistemológico brasileiro, sendo significativo percebermos o como que em seus textos da década de 1990, cerca de vinte anos após a publicação de seus primeiros trabalhos, aproxima-se tanto mais da

forma do ensaio, mesmo quando o tema é a sociologia como ciência, característica distintiva da teoria crítica adorniana.

Aqui evidentemente se apresenta um dos problemas quanto à recepção da teoria adorniana na sociologia brasileira. O ensaísmo foi relegado pela sociologia institucionalizada a uma etapa do pensamento social no Brasil que teria sido superado pelo rigor empírico e monográfico, este o modelo a ser seguido pelos cientistas sociais que não quisessem abdicar da lógica como condição para uma apreensão verdadeira dos acontecimentos sociais. Em contrapartida, uma das alternativas apresentadas por Adorno para o alcance da verdade mediante a dialética negativa e a categoria do não idêntico, foi justamente a elegia da forma do ensaio como apropriada para revelar uma verdade oculta à falsidade identificante das relações sociais medidas pela forma mercadoria.

No texto de 1973, após ter delineado o conjunto de problemas que caracterizariam uma chamada sociologia da comunicação, Cohn estabelece diálogo com parte considerável dos principais teóricos da sociologia contemporânea, levantando problemas que extrapolam o campo específico da comunicação mostrando-se como questões eminentemente teóricas e epistemológicas. Nos dois capítulos finais desta obra Gabriel Cohn já aponta sua aproximação e predileção pelas teses da teoria crítica da sociedade, em especial aquelas desenvolvidas por Adorno e Horkheimer. Mas como estes, seu pensamento se manterá aberto ao diálogo com outras vertentes da teoria social contemporânea, sem dispensar a reflexão sobre as especificidades da sociedade brasileira, embora, como para Adorno, tal só obtenha sentido a partir da efetiva mediação entre o particular e o universal.

Em meados da década de 1980 Cohn já se consolidava no cenário intelectual brasileiro como grande intérprete da teoria crítica da sociedade. Suas traduções de textos sociológicos adornianos são até hoje a mais importante referência bibliográfica em português nessa área. Mas antes disso, houve Max Weber e a original exposição do Autor no final dos anos 1970 sobre o sociólogo alemão. Ao invés de acreditarmos que Cohn esquecera Frankfurt enquanto dedicou-se ao denso trabalho sobre Weber, o que fica evidente, em nossa interpretação, é o contrário. Não obstante ele ter afirmando em *Sociologia da Comunicação* (1973, p. 126) que os textos de maturidade de Adorno apreendem a noção de indústria cultural em um sentido muito mais enfaticamente centrado no fetichismo da mercadoria de Marx, do que no tema da racionalização de Weber, será este mesmo Weber quem consolida certo modo de lidar com o modelo frankfurtiano.

Referimos-nos aqui, e concordando em boa medida com a interpretação de José Maurício Domingues (2011) quanto à ideia de que o conceito de dominação constitui-se, desde esta época, em questão crucial, embora poucas vezes explícita, das formulações sociológicas de Cohn. Não devemos esquecer, aliás, que a dominação é também o grande tema de toda a teoria da sociedade de Adorno (Camargo, 2006 a). Em uma época em que poucos ousavam dedicar-se fundamentalmente à teoria, aliás, como até hoje, a posição de Cohn parece também ser um pouco singular, não só no campo sociológico, como o comparando com outros expoentes deste período na recepção do pensamento frankfurtiano.

Gabriel Cohn foi, no início dos anos 1970, uma voz um tanto dissonante na sociologia brasileira. Entendemos que o sociólogo apreende naquele momento não aquilo que é o mais central dentro da trajetória frankfurtiana, mas nesta trajetória, o que era mais significativo para o processo histórico da realidade brasileira, a compreensão do fenômeno da indústria cultural, até então um tema secundário nos debates nacionais, que ainda giravam, no âmbito da cultura, em torno das questões sobre a brasilidade e a identidade nacional. Assim como nos anos 1940 a barbárie de *Auschwitz* foi para Adorno e Horkheimer um, entre outros, dos aspectos a evidenciar o limiar da racionalidade instrumental, também no Brasil, sob a brutalidade da ditadura, o processo de dominação da natureza se espalhou aos âmbitos menos evidentes, e mais duradouros, de uma subjetividade reticentemente conduzida ao ofuscamento.

A constatação de que o problema da indústria cultural tornava-se um tema emergente na sociologia, ficou evidenciado na elaboração de algumas teses de mestrado e doutorado que passaram a ser produzidas pelo país, principalmente na USP, ao longo da década de 1970 como são os casos de *A noite da Madrinha* (Miceli, 1972) e *A embalagem do sistema* (Arruda, 1985). Adorno e Horkheimer passam a ter nesse contexto uma pequena gama de seguidores em campos diversos das ciências humanas, mas sem que possamos afirmar que tenham se tornado pensadores efetivamente consolidados dentro do debate sociológico, enquanto autores representativos de uma influência significativa no campo sociológico brasileiro. Parece-nos que a efetiva penetração do pensamento frankfurtiano na sociologia nacional só foi ocorrer de um modo mais consolidado a partir do advento da segunda geração da teoria crítica personalizada em Habermas, cuja recepção e interpretação se manifesta entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980.

A interpretação de Habermas sobre Adorno e a trajetória frankfurtiana (Camargo, 2006 a) passou a ter um impacto internacional a partir do início dos anos 1980 e no Brasil não foi diferente. A teoria habermasiana da ação comunicativa com suas consequências teóricas para uma política democrática e legitimatória das reivindicações dos novos movimentos sociais coincide com o processo de redemocratização da sociedade brasileira. Coincide também com um momento de consolidação dos programas de pós-graduação em sociologia no país. Se Adorno nunca havia sido pesquisado com mais atenção no campo sociológico, entre os anos 1980 e 1990 sua obra passou a um plano bastante secundário, não obstante número crescente de seus seguidores na Filosofia e na Teoria Literária. Mais uma vez, nos anos 1990 Gabriel Cohn é uma voz quase solitária na atribuição de importância sociológica para a obra de Adorno, publicando ensaios de densa envergadura teórica (Cohn, 1990; 1998 a; 1998 b). Mas a ousadia de articular sociologia e ensaio teve outras expressões.

### III

Dentre aqueles intelectuais responsáveis pela introdução da Escola de Frankfurt no Brasil, possivelmente Roberto Schwarz tenha sido aquele que mais enfaticamente, embora não menos sutilmente, se ocupou de temas tipicamente nacionais, refletindo a partir de conceitos da teoria crítica. Isto se refere tanto à originalidade com que se consolidou na crítica literária, quanto aos seus textos diretamente relacionados a uma interpretação do país. A presença dos frankfurtianos em seu pensamento já é visível no início dos anos 1960, desde o pioneiro *A Sereia e o Desconfiado* (1965). Naquele momento o seu interesse pela obra de Adorno já era tão significativa que quase havia ido para Alemanha estudar com o mestre alemão (cf. Almeida, 2007, p. 45).

Formado originalmente em ciências sociais e depois guinando para a teoria literária Schwarz não seria um sociólogo de ofício, embora aos olhos dos pares da crítica literária um crítico demasiado sociólogo. Dilema similar ao vivido por Adorno. Embora parte considerável de seus ensaios, distribuídos por vários livros (Schwarz, 1999; 2001; 2006), abordem temas literários, suas interpretações da sociedade brasileira, em seus diferentes momentos históricos, trazem uma incontestável contribuição para a sociologia brasileira, na medida em que seu posicionamento acerca da relação entre forma literária e processo social o insere claramente na tradição da teoria crítica da sociedade.

Schwarz trazia em sua bagagem os ensinamentos de Antonio Candido e a experiência do *Seminário de Marx*, afora que em suas formulações proponha um “ecletismo” bem distinto daquele de Florestan Fernandes, pois é um ecletismo do campo marxiano, que inclui Lukács, Benjamin, Adorno e Brecht. Assim como no caso de Gabriel Cohn ousamos afirmar que Adorno é a influência mais perceptível de seu pensamento. E tanto em um caso como em outro, influência significa a

incorporação de uma forma de pensar a sociedade que dispensa as facilidades, os atalhos conceituais e o caminho mais curto no ato de elaboração teórica.

Como poucos Schwarz mostra ter entendido o que Adorno chamava de crítica imanente, e tal entendimento se manifestou na forma de uma exposição coerente do pensamento de Adorno, mas como algo incorporado seja em suas críticas da literatura, ou em seus ensaios de interpretação da realidade nacional. Muito conhecidos são seus textos “Nota sobre vanguarda e conformismo” (1967) e “Cultura e Política, 1964-1969”, ambos publicados em *O Pai de Família e Outros Estudos* (1978), em que o Autor pensa o papel dos intelectuais em moldes não muito comuns naquele momento histórico.

Já ambientado na rica crítica frankfurtiana da noção de “progresso”, consegue apreender no âmbito da música, do cinema, do teatro e da literatura que marcam a passagem dos anos 1960 aos 1970, os traços daquilo que já era claro na Alemanha e principalmente nos Estados Unidos há mais de duas décadas, e que viria a ser também no Brasil, isto é, o entrelaçamento entre cultura e mercado, em formatos que se autoconstituíram até mesmo como crítica deste processo: “Vendeu-se, está criticando, ou vendeu-se criticando?” (Schwarz, 1978, p. 48). Seus comentários sobre o *Tropicalismo* geraram não menos duradouras polêmicas que se manifestam centralmente em seu livro mais recente (2012). Um dos ensaios dessa última obra cabe lembrar que é um dos poucos em que Schwarz fala direta e claramente de Adorno e de sua importância para o pensamento contemporâneo.

Ainda mais polêmico havia sido o ensaio de Schwarz “As ideias fora do lugar” escrito em 1973 e republicado no paradigmático *Ao Vencedor as Batatas* (1977) em que a literatura brasileira do sec. XIX é interpretada como forma estética de elucidação de uma experiência capitalista em grande medida singular, ao gosto de muitos, chamada de periférica. Mas tal experiência, para Schwarz, não deixa de ser vista a partir de uma recorrência, mesmo implícita, a seus mestres Lukács e Adorno com seu conceito de totalidade. O valor e o trabalho abstrato não estão ausentes do contexto periférico, diga-se, não explicitamente pensado por Adorno, mas assumem peculiaridades que são traços da sociedade brasileira, alguns destes já antes apontados por Sérgio Buarque de Hollanda, e que Schwarz mostra como uma modernidade descompassada.

Ao pesquisador brasileiro que só tardiamente teve acesso a *Dialética Negativa* de Adorno,<sup>3</sup> talvez valha a pena ler com cuidado a original interpretação de Schwarz da obra de Machado de Assis, para ver como uma teoria crítica da sociedade pode ser esclarecedora não só nos rigorosos parâmetros das pesquisas sociológicas empíricas, mas também nas sutilezas da crítica literária. Aqui, a dialética do universal e do particular, a contradição e a recusa da síntese, o não idêntico que se afirma enquanto tal se refletiu na interpretação de “Helena” ou “Iaiá Garcia” [Schwarz, 2000 (1977 a)], como a manifestação de uma dominação capitalista que se expressa na forma de relações patriarcais e paternalistas, que tornam explícitas a realidade escravocrata como constância contraditória na formação da sociedade brasileira.

#### IV

Durante a década de 1980 temos ainda que destacar o importante estudo de Renato Ortiz (1988) que elucida a relação entre o conceito de indústria cultural e história brasileira, mostrando que também nesse aspecto demoramos a chegar a um padrão de modernização tecnológica quanto a nossa produção cultural que evidenciasse aquilo que foi caracterizado por Adorno e Horkheimer quanto à produção cinematográfica, televisiva e musical. Por outro lado, a sociologia brasileira não

---

<sup>3</sup> Esta, que pode ser considerada a principal obra de Adorno, teve sua primeira tradução no Brasil publicada em 2009 pela editora Zahar. Aos estudiosos, antes disso, restavam traduções em inglês, espanhol ou a leitura no original em alemão.

foi muito além da apropriação do conceito de indústria cultural em se tratando de Adorno, visto como filósofo, musicólogo ou esteta, sempre pronto a ser nomeado como um pensador cuja obra para uns carece de um conteúdo normativo, para outros de solidez sociológica. E nem sequer vale a pena mencionar aqui aqueles que veem toda forma de dialética como metafísica.

Se a razão funcionalista não pode considerar sociologia a crítica adorniana do capitalismo tardio, a sociologia informada pelo marxismo tradicional não pode levar muito a sério um autor que não possui um programa político de transformação claramente explicitado. Embora sempre tenha reconhecido a importância das pesquisas empíricas sabidamente Adorno jamais identificou a ela o conhecimento sociológico, tratando-se inclusive disto uma parte importante de sua famosa controvérsia com o positivismo alemão na década de 1960 (Camargo, 2006).. Aqui se trata de uma posição que igualmente contrasta com a tradição da sociologia brasileira nos últimos quarenta anos, muito mais voltada para um fazer sociológico sedimentado pela pesquisa empírica do que pelo privilégio da teoria. Isto para não falarmos da restrição colocada por Adorno à própria sociologia como disciplina científica, de alguma forma limitada para dar conta de aspectos da realidade dificilmente apreensíveis por seus conceitos.

A partir da década de 1990 cresceu bastante nas ciências sociais do país o interesse pela teoria crítica, com diversos pesquisadores realizando estudos no exterior sobre os frankfurtianos e havendo um correspondente crescimento do mercado editorial na tradução dos autores da Escola de Frankfurt. A geração dos 1990 que continua extremamente ativa na sociologia brasileira tem impulsionado a consolidação da teoria social no país, tendo sempre como inspiração o trabalho e incentivo de Gabriel Cohn. Tal geração, salvo poucas exceções, passou, entretanto a lidar com a herança frankfurtiana a partir de referenciais bastante distantes da dialética adorniana, adotando como referências principais a obra de Habermas e mais recentemente de Axel Honneth. Os temas agora mais significativos são democracia, cidadania e reconhecimento. Até mesmo o velho tema da indústria cultural se tornou marginalizado.

Algumas exceções no campo estritamente sociológico como os professores da USP Ricardo Musse e Leopoldo Waizbort são certamente referências atualmente presentes para aqueles que desejam pensar a sociedade e o capitalismo a partir da herança adorniana. Musse que como o filósofo Marcos Nobre dedicou alguns anos de pesquisa ao estudo da *Dialética Negativa* de Adorno, tem se dedicado ao estudo do chamado marxismo ocidental (Musse, 1998) e nesse caso sua leitura de Adorno é de um pensador situado no campo desse marxismo, diferentemente daquelas interpretações que situavam Adorno e Horkheimer como muito mais próximo de Nietzsche.

Nos textos de Waizbort a presença de Adorno é marcante, isto é, ao contrário de seus pares que despontam no campo da teoria crítica na década de 1990 em diante, alguns temas clássicos da primeira geração de frankfurtianos, como ideologia e dialética cumprem um papel fundamental em suas pesquisas. O principal ponto de diferenciação de Waizbort se mostra quanto aos seus próprios interesses intelectuais, como a sociologia da cultura e a sociologia da literatura, que permite a ele um retorno a Adorno pelo viés da estética, o que em nada diminui a potencialidade de suas interpretações como forma de crítica ao capitalismo contemporâneo. Embora a relação entre cultura e sociedade esteja no centro de suas indagações curiosamente tanto ele como Musse não chegam a refletir sistematicamente sobre o tema da indústria cultural, que na década de 1970 era a principal via de acesso ao pensamento adorniano.

Enquanto que em suas pesquisas situadas nos anos 1990 (Waizbort. 1990; 1998 a) a abordagem do pensamento estético de Adorno é explícito, aliás, com textos que aliam refinamento conceitual com declarações sobre sua pouca pretensão, Waizbort abre um leque de diálogos dentro da teoria social que inclui Simmel, Auerbach, Elias, e outros, mostrando-se pouco afeito aos dogmatismos. Em certo sentido Waizbort caminha na contramão dos delineamentos pelos quais

passou a recepção da teoria crítica no Brasil desde a década de 1980, pois enquanto sociólogo, manteve o olhar voltado para o modelo da dialética negativa de Adorno como uma referência fundamental. Não obstante, se sua trajetória privilegia temas que para alguns podem parecer menores, como a literatura, suas intervenções não se eximem de apontamentos políticos (1998 b) e mais recentemente para um dos campos prediletos da sociologia brasileira, o campo do pensar ela própria, ou mesmo o pensamento social no Brasil.

É evidente que nesta breve nota que estamos apresentando estamos deixando de falar de muitos sociólogos e pesquisadores que compõem este quadro de recepção. Ao pensarmos sobre Theodor Adorno como teórico que possuiu impacto em outros campos, da psicanálise à crítica musical, teríamos um espectro bem mais amplo de exposição sobre sua obra. No caso da sociologia, entretanto, precisamos quase que fazer um esforço para reconstruir o itinerário de Adorno no Brasil. Possivelmente, em termos quantitativos, sua presença seja mais fortemente apreensível nas inúmeras teses e dissertações cujo objeto é a cultura de massas ou manifestações específicas da indústria cultural no Brasil.

Alguns textos importantes da teoria da sociedade adorniana como o “Fetichismo na música e a regressão na audição” ou “Lírica e Sociedade” são conhecidos do grande público de cientistas sociais brasileiros desde meados dos anos 1970,<sup>4</sup> mas boa parte de seus textos “sociológicos” continuam sem tradução para o português. Embora hoje tenhamos acesso a um número maior de publicações o estudo de sua obra parece seguir a passos lentos no campo sociológico. Razões para isso estão por um lado na própria forma de constituição e institucionalização da sociologia no Brasil, por outro lado a herança da interpretação habermasiana de Adorno deixou marcas profundas entre os leitores e intelectuais brasileiros, ao que nos parece até hoje pouco afeitos à reflexão até as últimas consequências sobre o fetichismo da mercadoria e seus desdobramentos, mesmo frente à evidência de que nossa ciência e seus agenciamentos por aí tem trilhado considerável parte do seu caminho.

## BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, Jorge de. (2007), Pressupostos, salvo engano, dos pressupostos, salvo engano. In: CEVASCO, Maria Elisa e OHATA, Milton (Org.). *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras: pp. 44-53.
- CAMARGO, Sílvio. Itinerários da Teoria Crítica na Sociologia Brasileira. In: SILVA, Josué Pereira da (Org.). *Sociologia Crítica no Brasil*. São Paulo: Annablume: 2012. pp. 155-186.
- ARANTES, Paulo Eduardo. (2004), *Zero à Esquerda*. São Paulo: Conrad.
- \_\_\_\_\_. (1992), *Sentimento da Dialética na Experiência Intelectual Brasileira*. São Paulo: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1996), *O Fio da Meada – sobre filosofia e vida nacional*. São Paulo: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1989), Falsa consciência como força produtiva. *Lua Nova*, n. 19, novembro/1989. pp. 37-46.
- ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. (2004), *A embalagem do sistema: a publicidade no capitalismo brasileiro*. São Paulo: Edusc.
- CAMARGO, Sílvio (2006). *Modernidade e Dominação: Theodor Adorno e a teoria social contemporânea*. São Paulo: Annablume/Fapesp.

---

<sup>4</sup> A publicação no Brasil de um volume da coleção “Os Pensadores” da editora Abril Cultural em 1975 é de grande importância para o contato dos estudantes brasileiros com o pensamento da Escola de Frankfurt. Até então só haviam sido publicados, além do texto sobre a indústria cultural: *Temas Básicos de Sociologia* (1973), *Notas de Literatura* (1973) e *Filosofia da Nova Música* (1974).



- \_\_\_\_\_ (2012 a). A recepção da Teoria Crítica no Brasil: 1968-1978. *Em Debate*; n. 7. pp. 126-149.
- \_\_\_\_\_ (2012 b). Itinerários da Teoria Crítica no Brasil. In: SILVA, Josué Pereira da (Org.). *Sociologia Crítica no Brasil*. São Paulo: Annablume. pp. 155-186.
- CEVASCO, Maria Elisa e OHATA, Milton (Org.). (2007), *Um crítico na periferia do capitalismo: reflexões sobre a obra de Roberto Schwarz*. São Paulo: Companhia das Letras.
- CHACON. Vamireh. (1977), *História das Idéias Sociológicas no Brasil*. São Paulo: USP/Grijalbo.
- \_\_\_\_\_. (1994), A recepção da Escola de Frankfurt no Brasil. *Revista Brasileira de Filosofia*. Vol. XLI, Fac. 176, p. 453-457.
- \_\_\_\_\_. (Org.). (1970), *Humanismo e Comunicação de Massa*. Rio de Janeiro: tempo brasileiro.
- \_\_\_\_\_. (1984), *O Poço do Passado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1984.
- COHN, Gabriel. (1968 a), A Sociologia e a Arte da Controvérsia. *Revista Civilização Brasileira*, n. 19, maio. p. 229-250.
- \_\_\_\_\_. (1968 b), *Petróleo e Nacionalismo*. Corpo e Alma do Brasil. São Paulo: Difusão Européia do Livro: 1968.
- \_\_\_\_\_. (1978). *Crítica e Resignação. Fundamentos da sociologia de Max Weber*. São Paulo: T.A. Queiroz: 1978.
- \_\_\_\_\_. (Org.). (1971), *Comunicação e indústria cultural*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Edusp.
- \_\_\_\_\_. (1973), *Sociologia da Comunicação: Teoria e Ideologia*. São Paulo: Pioneira.
- \_\_\_\_\_. (1990), Dificil Reconciliação: Adorno e a Dialética da Cultura. *Lua Nova*. n. 20; p. 5-18.
- \_\_\_\_\_. (1998), Esclarecimento e Ofuscação: Adorno & Horkheimer Hoje. *Lua Nova*. nº. 43; p. 5-24.
- \_\_\_\_\_. (2006), Entrevista. In: BASTOS, Élide Rugai et. al.. *Conversas com Sociólogos Brasileiros*. São Paulo: Ed. 34: 2006. pp. 115-134.
- DOMINGUES, José Mauricio. (2011), Dominação e Indiferença na Teoria Crítica de Gabriel Cohn. *Teoria Crítica e (Semi) periferia*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- FREITAG, Barbara. (1992), Habermas e a Editora Tempo Brasileiro ou a recepção de Habermas no Brasil. *Revista Tempo Brasileiro*, vol. 111, p. 87-108.
- \_\_\_\_\_. (1974 a), Habermas e a teoria do conhecimento como teoria social. *Debate e Crítica*, n. 4, Nov.. p. 61-82.
- \_\_\_\_\_. (1974 b), A Sociologia Alemã Hoje. *Debate e Crítica*. São Paulo, nº 2, 4; jan./jun..
- \_\_\_\_\_. (1989), *Política Educacional e indústria cultural*. São Paulo: Cortez.
- HORKHEIMER, Max. (1983), *Teoria Tradicional e Teoria Crítica*. São Paulo: Abril Cultural. p. 117-154.
- KONDER, Leandro. (1967), *Os Marxistas e a Arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LIMA, Luiz Costa (2005), *Teoria da Cultura de Massa*. São Paulo: Paz e Terra.
- MERQUIOR, José Guilherme. (1969), *Arte e Sociedade em Marcuse, Adorno e Benjamin*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- MICELI, Sérgio. (1972), *A Noite da Madrinha*. São Paulo: Perspectiva.
- MUSSE, Ricardo (2007), Elementos da Crítica de Adorno a Kant. *Dois Pontos*, vol. 4. pp. 201-215.
- \_\_\_\_\_. (2011), Experiência individual e objetividade em Mínima Moralia. *Tempo Social*, vol. 23. pp. 169-177.
- \_\_\_\_\_. (1998), Teoria e Prática. In: LOUREIRO, Isabel Maria e MUSSE, Ricardo (Orgs.). *Capítulos do Marxismo Ocidental*. São Paulo: Ed. Unesp/Fapesp. pp. 13-33.
- ORTIZ, Renato. (1988), *A Moderna Tradição Brasileira*. São Paulo: Brasiliense.

- ROUANET, Sérgio Paulo. (1968), De Eros a Sísifo. *Revista Tempo Brasileiro*, n. 17/18.
- \_\_\_\_\_. (1989). *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHWARZ, Roberto. (2000), *Ao Vencedor as Batatas*. São Paulo: Ed. 34.
- \_\_\_\_\_. (2001), *Um Mestre na Periferia do Capitalismo*. São Paulo: Ed. 34.
- \_\_\_\_\_. (1978), *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- \_\_\_\_\_. (1965), *A sereia e o desconfiado*. Rio de Janeiro: civilização brasileira.
- \_\_\_\_\_. (2006), *Que Horas são?* São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1999). *Seqüências Brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (2012). *Martinha versus Lucrécia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- \_\_\_\_\_. (1999), *Marcuse no Brasil*. Londrina: Cefil.
- WAIZBORT, Leopoldo (Org.). (2008), *A Ousadia Crítica: ensaios para Gabriel Cohn*. São Paulo: Azougue.
- \_\_\_\_\_. (1998 b). Classe social, Estado e ideologia. *Tempo Social*, vol. 10, n. 1. p. 65-81.
- \_\_\_\_\_. (1990). Sacrifício e Liquidação do Sujeito. Notas sobre a sociologia da música de Adorno. *Tempo Social*, vol. 2, n. 2. pp. 145-164.
- \_\_\_\_\_. (1998 a). Glosa sobre ideologia e dialética em Adorno. *Plural*, vol. 5, pp. 1-20.
- \_\_\_\_\_. (2002). Influências e Invenção na Sociologia Brasileira. In: MICELI, Sergio. *O que ler na ciência social brasileira*. Brasília: Sumaré/Anpocs. pp. 85-174.
- \_\_\_\_\_. (2004). Erich Auerbach sociólogo. *Tempo Social*, vol. 16, n. 1, pp. 61-91.
- \_\_\_\_\_. (2007). Simmel no Brasil. *Dados*, vol. 50, nº 1, pp. 11-48.
- WERNECK VIANNA, L.; CARVALHO, M. A.; MELO, M. P. (1995). As ciências sociais no Brasil: a formação nacional de um sistema de ensino e pesquisa. *BIB*, n. 40.